

# O CONSELHO QUE MUDOU MINHA HISTÓRIA

Alguém já disse algo que fispou sua atenção, abriu seus olhos e mexeu na sua maneira de ver o mundo? Reunimos sete histórias de mulheres que souberam ouvir e aproveitaram um toque – às vezes até escondido em uma gafe – para ajustar o rumo da vida e ser mais felizes

MARIA LAURA NEVES

## “Você é quem estabelece seus limites”

“Uma das principais lembranças que tenho da infância é a do meu pai consertando coisas em casa. Eletricista, ele era chegado em uma engenhoca. Quando estava metido em uma atividade dessas, chamava meu irmão mais velho para ver. Ele não ia. Por outro lado, eu achava a cena o máximo e adorava ficar lá vendo meu pai com suas ferramentas em ação. Minha mãe não queria que eu ficasse ao lado dele naqueles momentos. Dizia que aquilo era coisa de homem. Quando ela me repreendia, meu pai me chamava de lado e me dizia para não aceitar aquele tipo de restrição. ‘Você é quem estabelece os próprios limites’, ele falava. Aquela frase nunca saiu da minha cabeça.

Enquanto construía uma carreira, apliquei essa lição de vida várias vezes. Eu me lembro do dia em que um chefe me negou uma promoção. Respondeu: ‘Para uma mulher, você está muito bem posicionada’. Fiquei indignada,

**MÁRCIA  
BARBOSA,**  
52 anos, do  
Rio de Janeiro

mas aquilo só me deu mais forças para ir em frente. Por que me contentar? Recorri a instituições superiores à dele e consegui, depois de três meses, ser promovida ao cargo que merecia. Também usava o mesmo conselho em todo encontro internacional de cientistas a que minha carreira é de pesquisadora científica. Nesse tipo de evento, é difícil ser mulher e latina. As pessoas têm preconceito com o que não é produzido nos grandes centros de estudos do primeiro mundo. E é um meio machista. Eu me sentia transparente quando ia apresentar resultados de uma pesquisa. Ninguém me intimidou com ela. Ia buscar gente pelo braço para assistir a minhas falas. A tática deu certo. Em novembro, fui uma das ganhadoras do Prêmio L’Oreal-Unesco para Mulheres na Ciência, um grande reconhecimento internacional ao trabalho. Ainda bem que ouvi meu pai.”

## “O sucesso vem mais facilmente para quem faz o que ama”

“Aprendi a cozinhar aos 10 anos com meu pai. Ele viajava muito a negócios e pedia receitas aos chefs que encontrava no caminho. Quando chegava de viagem, eu gostava de buscá-lo no aeroporto para recolher de seus bolsos os papéizinhos com as receitas. Apesar da paixão, sempre vi a gastronomia como um hobby. Naquele tempo, cozinhar não era um ofício glamouroso. Se seguisse essa carreira, não seria vista como chef, mas como cozinheira mesmo. E aquele não era meu projeto de vida. Desde a adolescência, trabalhava na academia aberta pela minha avó. Aos 20 e poucos anos, aluguei um quarto para dar aulas de ginástica. Esse plano de carreira teve fim depois que fui passar uma tarde na casa de uma amiga.

Quando bateu a fome, resolvi fazer uma torta de frango. A mãe dela provou e gostou. Começamos a falar sobre meu prazer em cozinhar. Aí ela me disse que eu deveria ir atrás da minha paixão, pois somos mais felizes quando fazemos o que amamos, e que até o sucesso vem mais facilmente. Encorajada pela conversa, larguei o trabalho com a ginástica e abri um bufê de eventos. Meu pai organizava muitos leilões de boi e aproveitei para divulgar meu negócio neles.

Logo, os amigos do meu pai estavam me contratando. Há 26 anos, sou chef de cozinha e banqueteira. E, há seis, participo de um programa de TV em que compartilho receitas com os telespectadores. Três anos atrás, recebi um e-mail de uma mulher que dizia sustentar a família com o dinheiro da venda das tortas de frango que eu tinha ensinado na TV. Fiquei emocionada: aquela comida que um dia mudara minha vida estava fazendo o mesmo por outra pessoa.”

**TATA CURY,**  
56 anos,  
de São Paulo

## “Casamento dá trabalho”

“Sou filha de pais separados e me casei aos 26 anos. Meu marido, que já era separado, vivia falando que nossa história não ia dar certo e que casamentos não têm futuro. Ficamos juntos três anos e meio e, no fim, eu também não acreditava mais que duas pessoas pudessem ser felizes sob o mesmo teto. Seis meses depois, comecei a namorar um amigo de faculdade cujos pais estavam juntos fazia 30 anos. Quando eu falava que não acreditava mais naquele tipo de relacionamento, ele, que tinha os pais como modelo, respondia que casamento dá trabalho e que brigas fazem parte da vida do casal. Há 12 anos, resolvi ouvi-lo e dar uma chance para nosso amor. Nunca mais

**PATRICIA CAMARGO,**  
41 anos, de  
Campinas (SP)

nos largamos. Claro que passamos por momentos difíceis. Mas aceitamos os nossos defeitos e sempre estamos lá para o que der e vier quando o outro precisa.”

## “Cada um faz sua felicidade”

“Aos 13 anos, comecei a questionar minha sexualidade. Sentia desejo por mulheres, mas não admitia nem para mim mesma. Tinha medo do preconceito. Assim, passei a adolescência me relacionando com meninos. Aos 22 anos, namorei um colega da faculdade de família baiana. Em um feriado em Trancoso, conheci a namorada da prima dele. Na volta, nós duas passamos a falar pela internet todo dia. Tinha ciúme dela, mas não me dava conta de que me sentia envolvida. Uma vez, contei a história à

**PATRICIA ZENDRON,**  
26 anos, de  
São Paulo

minha melhor amiga. Ela foi direta: disse que eu estava apaixonada e me aconselhou a abrir o jogo com a outra. Ressaltou que precisava agir, pois cada um faz sua felicidade. Fiquei chateada, mas foi o ponto de partida para assumir minha homossexualidade - inclusive diante da família e dos amigos. Se não fizesse isso, não seria a pessoa leve e feliz de hoje.”

COLABORARAM BIANCA CASTRO E BEATRIZ KOCH